

DIZER A VERDADE E CONFISSÃO EM FOUCAULT

Maria Veralúcia Pessôa Porto¹

Resumo: Em Foucault um debate sobre o dizer a verdade e a confissão só é possível com o exercício da *parresia* como prática da liberdade, a esse exercício são necessárias três condições básicas, a saber: crer naquilo que é dito, considerar o risco por falar a verdade e a coerência entre o que é dito e sua relação com a vida. Por esse motivo, esta investigação terá como objeto uma situação histórica. Será considerado um importante filósofo do século XVIII que vivenciou acontecimentos que vão evidenciar o custo da confissão e do dizer a verdade. O filósofo é Jean-Jacques Rousseau, indivíduo que sofreu, em seu tempo, a punição por ter falado. Entre a transparência em Rousseau (aquele que confessa) e a opacidade de seus oponentes (aqueles que se escondem, silenciam e sufocam) tem-se a confissão ligada a um ato de poder e a verdade se apresenta enquanto possibilidade na tessitura da existência. Nossa investigação tem por base o texto da *Introduction*, escrito por Foucault, para a edição dos *Dialogues* de 1962. Nele Foucault estabelece uma relação entre os textos autobiográficos de Rousseau, como as *Confissões* e a própria pessoa do genebrino.

Palavras-Chave: Foucault. Rousseau. Verdade. Confissão.

Abstract: According to Foucault a discussion about to tell the truth and confession is possible only with the exercise of *parresia* as practice of freedom. To make this exercise are necessary three basics conditions, namely, it must believe in what is said, it must consider the risk in tell the truth and observe the coherence between what is said and its relation with the life. Because this reason, this research will have as object a historic situation, the life of a eighteen century's philosopher which experienced in his life the cost of confession as well as tell the truth. This philosopher is Jean-Jacques Rousseau which chosen the transparency (the confession), against his opositor's opacity (those who hide, silence and choque). Between these positions the confession is a act power because the truth is possible amid the texture of existence. This research is based on the Foucault's *Introduction* to the *Dialogues* published in 1962 in Paris. In this article Foucault make a relationship among the *Confessions*, the *Dialogues* and the Rousseau's life.

Keywords: Foucault. Rousseau. Truth. Confession.

INTRODUÇÃO

Para construir uma reflexão sobre os dilemas do dizer a verdade e da confissão, não serão apresentados no desenvolvimento da temática conceitos com definições fechadas sobre a *parresia*, muito embora o movimento parresiástico apareça constantemente no percurso da investigação, pois para o exercício da *parresia* como prática da liberdade são necessárias três condições básicas, a saber: crer naquilo que é dito, considerar o risco por falar a verdade e a coerência entre o que é dito e sua relação com a vida.

¹ Aluna do Programa de Doutorado Institucional em Filosofia da UFRN/UFPB/UFPE, Professora Adjunta I da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com).

Considerando a importância destes pressupostos para qualquer abordagem sobre o dizer a verdade e a confissão, estes elementos se encontrarão presentes amiúde no texto, mas o método adotado para expô-los será diferenciado. O método adotado será o investigativo e o objeto de investigação, uma situação histórica. Deste modo, será traçada uma investigação levando em consideração um importante filósofo do século XVIII que vivenciou acontecimentos que vão evidenciar, de certa forma, o custo da confissão e do dizer a verdade. O filósofo que aqui acolhemos para investigação é Jean-Jacques Rousseau.

A escolha por Rousseau está amparada no texto escrito por Foucault que se encontra em *Ditos e escritos I* com o título de *Introduction*, publicado em 1962. Neste texto singular, Foucault estabelece uma relação entre os textos autobiográficos de Rousseau e a própria pessoa do genebrino. Esta relação tem como foco principal as *Confissões* e os *Diálogos*. Além de considerados fatos e acontecimentos relativos à vida de Rousseau e relatados em suas obras autobiográficas, serão abordados no desenvolvimento do tema proposto elementos do curso pronunciado nos meses de abril e maio de 1981 em Louvain, por Michel Foucault, intitulado “*Fazer o mal, dizer a verdade: a função da confissão na justiça*”.

A partir destes referenciais, será estabelecido breve enfoque inicial sobre a *persona* de Jean-Jacques Rousseau; em seguida, a partir da leitura que Foucault faz dos textos autobiográficos do genebrino, desenvolveremos uma relação entre o *sufocamento* das *Confissões*, sobre o silêncio que se segue à leitura da obra em público, e o *desabafo*, a *defesa de si mesmo*, expressa nos *Diálogos*.

A PERSONA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Quem foi e como viveu Rousseau? Rousseau foi aquele que viveu o conflito entre as profundezas do seu eu e a superficialidade do mundo circunstante. Todos os tipos de situações antagônicas e incompreensíveis perpassaram a vida do genebrino, perdas, ambiguidades e desafetos. Veio ao mundo com a perda da mãe no momento do parto. Viveu durante a infância com o pai, junto ao qual lia os livros deixados por sua mãe. Sem seguir uma educação formal, tornou-se autodidata, mas como nos revela o próprio Rousseau em *As Confissões*:

O rumo dessa educação foi interrompido por um acidente cujas consequências influíram sobre o resto da minha vida. Meu pai teve uma

contenda com um certo M. Gautier, capitão de França e aparentado com alguém do conselho. Esse Gautier, sujeito insolente e covarde, ficou com o nariz sangrando e, para vingar-se, acusou meu pai de ter empunhado a espada na cidade. Meu pai, a quem quiseram prender, teimava em pretender que, segundo a lei, o acusador também fosse para a prisão com ele, não conseguindo isso, preferiu sair de Genebra e expatriar-se para o resto da vida a ceder num ponto em que julgava comprometidas a honra e a liberdade (ROUSSEAU, s.d., p. 17-18).

Ao se separar da companhia do pai, conviveu com o seu tio materno Bernard, foi aprendiz de gravador, camareiro, preceptor, copista de música, protegido da Madame de Warens, ingressou na *Republique des lettres*, por suas óperas, poesias e discursos e, dentre as muitas relações amorosas que teve, se une a uma mulher simples com a qual teve cinco filhos, os quais confiou à roda dos expostos.²

Em meio ao século das *Luzes*, alerta sobre os perigos do racionalismo exagerado, considerando que os sentimentos têm seu lugar na constituição do ser humano, que as ciências e as artes, apesar de importantes para o progresso humano, são a expressão máxima de uma sociedade corrompida, em meio à qual o homem subsiste como ser desnaturado, oprimido e infeliz. Uma solução para este mal-estar em meio à civilização consistiria em um resgate dos elementos naturais esquecidos pelo homem civil.

Assim, Rousseau era apreciador de longas caminhadas, em meio às quais se encontrava junto à natureza. Em um desses momentos, indo visitar seu amigo Diderot, preso em Vincennes, se depara com um jornal, uma edição do *Mercure de France* que continha a notícia de que a academia de Dijon abrira um concurso para analisar a melhor resposta a uma questão: se “o progresso das ciências e das artes contribuiu para a melhoria dos costumes?”. Inundando por um turbilhão de sentimentos e emoções, ele intuiu os elementos constituintes da resposta ao concurso, construindo o discurso que o tornaria famoso:

De repente, senti meu espírito iluminado por mil luzes; uma multidão de ideias vividas apresentou-se ao mesmo tempo com uma força e uma confusão que me lançou em inexprimível desordem, em uma energia e uma confusão tais que me provocavam uma perturbação inexprimível. [...] Tudo o que pude guardar dessa multidão de grandes verdades que, em um quarto

² As rodas eram cilindros giratórios de grande cavidade lateral utilizadas como meio de comunicação, sobretudo junto às portarias de mosteiros e conventos. Na abertura lateral, eram colocados objetos pelas pessoas que se encontravam no exterior, as quais tocava uma sineta e, alguém no interior do edifício, fazia girar a roda, retirando os objetos ali colocados. Com a característica de um artefato que não carecia da identificação entre quem estava no interior com a pessoa do exterior, torna-se objeto propício para que, dadas as condições históricas, mais tarde passassem a receber crianças cujos progenitores não desejavam identificação. Os “filhos de ninguém” eram recolhidos e educados até terem a oportunidade de um lar. De tanto ser usada, a roda acabou por se tornar legítima e, com o objetivo de pôr fim aos infanticídios e acabar com o comércio ilegal de crianças, foi oficializada no final do século XVIII, passando a receber a designação de roda dos expostos, vindo a perder sua importância e uso na primeira metade do século XIX com o advento do liberalismo.

de hora, me iluminou sob essa árvore, foi bem esparsamente distribuído nos três principais de meus escritos [...] (ROUSSEAU, 2005, p. 24-25)

Os três escritos principais apontados por Rousseau foram o *Discurso sobre as ciências e as artes*, o *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens* e o *Contrato social*. De uma pergunta, originaram-se muitas intuições, muitas ideias que, uma vez aguçadas, levaram à crítica da sociedade do seu tempo.

Todavia, em um momento de ênfase na cultura científica, no progresso da ciência, do Iluminismo, da redação da Enciclopédia, as ideias desenvolvidas por Rousseau – por terem sido mal compreendidas, já que ele foi redator de vários verbetes da enciclopédia e estudioso de várias ciências (música, botânica, química) – não foram apreciadas positivamente, de modo que ele foi taxado de selvagem, misantropo, revolucionário e mesmo louco.

O problema é que os autores responsáveis por tal caracterização nunca apreciaram sua obra adequadamente, desferindo-lhe injúrias e calúnias por pseudônimos, por meio de terceiros e, por vezes, pelos jornais da época. Daí o genebrino se colocar na posição daquele que era perseguido, vítima de um complô. Tal situação, quer fosse real ou imaginária, implicou em várias mudanças de endereço, de país, de círculos de amizades e inimizades, levando a um constante estado de desatino, insegurança por sua vida e por seus escritos em um conflito aberto contra tudo e todos. Da consideração destes episódios, dentre os muitos eventos presentes em sua vida, o genebrino escreve o texto intitulado *Confissões*.

Foucault intenta construir a figura e a *persona* do pensador genebrino em meio às intenções presentes em suas obras, não somente das *Confissões*, mas também das teorias contidas nos *Diálogos* e na recepção que tiveram por parte do público ao qual se dirigiam.

AS CONFISSÕES, O PERIGO DO SUFOCAMENTO

Quando da nova publicação dos *Diálogos* de Rousseau na França, Michel Foucault encarregou-se de escrever a introdução. Neste texto singular, Foucault, mais do que elaborar um texto preparatório ou, quando muito, propedêutico, estabelece uma relação entre os textos autobiográficos de Rousseau e a pessoa do genebrino. Esta relação tem como foco principal as *Confissões* e os *Diálogos*, muito embora ele se utilize também dos *Devaneios*, da *Confissão de fé do Vigário Saboiano* e trace relações metafóricas com o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

Neste percurso, Foucault intenta construir a figura e a *persona* do pensador genebrino em meio às intenções presentes em suas obras e na recepção que tiveram por parte do público ao qual se dirigiam. O texto da *Introdução* vai apresentar temas caros ao pensador francês, como: linguagem, escrita, sujeito, vida, jogo, resistência, confissão; categorias próprias do universo conceitual foucaultiano³.

De início, Foucault considera as *Confissões* um texto cuja base é a expressão escrita por oposição à fala, ao processo dialógico que é a marca dos *Diálogos*. Entretanto, o que lemos nas *Confissões* é um texto em perigo: seguindo a metáfora sugerida por Rousseau, Foucault nos apresenta uma voz ameaçada pela *sufocação*. Tal constatação se dá pelo silêncio com que a obra é recebida no círculo íntimo das pessoas que participam das rodas de sua leitura pública. A resposta às *Confissões*, ao texto no qual Rousseau pretende apresentar-se todo, sem subterfúgios, da forma mais verdadeira, é o mais pesado e contundente silêncio.

OS DIÁLOGOS, O DESABAFO E A DEFESA DE SI

Os *Diálogos* pretendem, como resposta ao mutismo imposto às *Confissões*, ser a voz não ouvida que é, segundo Foucault, dirigida a uma escuta absoluta. A primeira frase da *Introduction* assevera: “São anticonfissões. E vindas, como que de um monólogo interrompido, de um refluxo de linguagem que explode por ter encontrado uma obscura barragem” (FOUCAULT, 2011, p. 165).

Entretanto, como resposta pública, ao invés do silêncio das *Confissões*, os *Diálogos* sofrem com a rejeição. Tendo sido aceito de forma pouco entusiástica na Inglaterra, o texto é repudiado na França. O século XIX vai considerá-lo a obra de um demente e somente o século XX vai reconhecer seu valor. Mas o que pretende Rousseau e, mais especificamente, como Foucault lê este texto?

Foucault depreende em Rousseau uma alma sensível, o que ele mesmo expressa nas *Confissões* e, em meio a esse texto, às suas cartas e ao próprio texto dos *Diálogos*, o que vemos constantemente é um movimento perpétuo do genebrino tentando defender-se dos complôs reais ou imaginários e das missivas vergastadoras enviadas por seus desafetos.

³ Isto nos remete às idiossincrasias de Foucault na leitura de Rousseau, o que possibilita um duplo movimento: em primeiro lugar, uma chave hermenêutica para os *Diálogos* e, de modo geral, para as obras de Rousseau, especialmente as autobiográficas; em segundo lugar, uma chave de leitura de problemas fundamentais da própria filosofia e, *quicá*, da filosofia contemporânea.

A despeito do silêncio estabelecido na leitura das *Confissões*, a tentativa de defesa expressa pelos *Diálogos* se mostrou inútil, quando muito uma tarefa vã. A voz aprisionada, sufocada, inaudita não encontra eco nem entre os homens, nem junto a Deus. Rousseau tenta depositar o manuscrito no altar de Notre-Dame. As portas da catedral, comumente abertas, encontravam-se fechadas e o altar cerrado por grades, mais um sinal do abandono, da solidão e da prisão do próprio genebrino.

Conhecedor da obra rousseauiana, cujo *Ensaio sobre a origem das línguas* é citado em *As Palavras e as coisas*, Foucault considera as *Confissões* um texto linear, baseado em uma estrutura melódica. Já os *Diálogos*, para o francês, seguem uma estrutura harmônica, vertical, progressiva e ascendente. Seu aspecto principal é o do sujeito dissociado, superposto a si, lacunar. Neste sentido, o texto expressa uma superfície que jamais se fecha, seu caráter consiste em um dilaceramento baseado na intervenção de outros que, ao considerarem Jean-Jacques uma figura malsã, na verdade dão enlevo às suas próprias sanhas e maldades contra o genebrino. Segundo Foucault:

Os Diálogos, texto autobiográfico, têm no fundo a estrutura dos grandes textos teóricos: trata-se de um único movimento de pensamento, de fundar a inexistência e de justificar a existência. Fundar [...], tudo o que está referido à ilusão, à mentira, às paixões deformadas, a uma natureza esquecida e expulsa para fora de si mesma, tudo que acomete nossa existência e nosso repouso com uma discórdia que, por ser aparente, não é menos premente, é, ao mesmo tempo, manifestar o não ser e mostrar sua inevitável gênese (FOUCAULT, 2011, p. 173-174).

A teoria contida nos *Diálogos* tem por objetivo justificar a existência, mostrar, contra todas as deformações e calúnias, a integridade do sujeito em sua verdade, em sua natureza. Enquanto a existência refere-se à verdade, a inexistência revolve-se contra a ilusão, as mentiras, as ficções que dilaceram o autor e o homem. Os *Diálogos* são uma reconstrução de si e, ao mesmo tempo, uma demonstração de si que até aquele momento, para o público em geral, esteve alheia aos olhos e ouvidos daqueles que se detiveram nas fábulas e fabulações acerca de Jean-Jacques:

[...] Justificar a existência é reconduzi-la à sua vontade de natureza, nesse ponto imóvel onde nascem, realizam-se e depois acalmam-se todos os movimentos segundo uma espontaneidade que é igualmente necessidade do

caráter e frescor de uma liberdade não ligada (FOUCAULT, 2011, p. 178-179).⁴

Ao percorrer as obras de Rousseau, Foucault ratifica essa posição e a assume a partir de seus referenciais teóricos. Aliás, nisto consiste a novidade de sua perspectiva analítica, o que aproxima Rousseau de uma leitura mais contemporânea de sua obra, ao mesmo tempo em que atualiza as inquietações do genebrino, dando a estas uma abordagem atual.

O aspecto desse olhar contemporâneo pode ser vislumbrado na escolha que Foucault faz ao tratar de temas como a confissão, a vigilância, a punição, a prisão, o suplício e o julgamento na obra *Diálogos*. Esses temas são reconhecidos como espaços privilegiados da prédica de Rousseau em relação aos interesses da filosofia de Foucault: “[...] Por isso e que contra o sistema Vigilância-Signos ele reivindica como uma liberação a entrada em um sistema Julgamento-Suplício” [...] (FOUCAULT, 2011, p. 178-179). Tais escolhas apresentam profunda ressonância com os temas do curso que Foucault proferiu em Louvain em 1981 sobre a confissão e sobre seu papel na busca pela justiça, uma abordagem que lança um olhar contemporâneo sobre o texto do genebrino; deste modo, continua Foucault:

[...] O julgamento de fato supõe a explosão da fala: seu edifício só é totalmente sólido se culminar com a confissão do acusado, nesse reconhecimento falado do crime pelo criminoso. Ninguém tem o direito de isentar quem quer que seja de um julgamento: é preciso ser julgado e condenado, já que sofrer a punição é ter falado. O suplício supõe sempre uma fala anterior. Finalmente, o mundo fechado do tribunal é menos perigoso que o espaço vazio onde a palavra acusadora não se choca com nenhuma oposição, já que ela se propaga no silêncio, e onde a defesa não convence jamais, já que ela não responde senão a um mutismo. [...] Rousseau, ele, aceitou ser *juiz* de Jean-Jacques (FOUCAULT, 2011, p. 178-179).

Sendo uma obra cujo mote é um processo judiciário, um julgamento, os *Diálogos* se enquadram no tipo de análise que Foucault segue em suas obras, como *Vigiar e punir*. No que tange ao discurso rousseauiano, ele destaca o espaço do tribunal como um espaço mais seguro. Entretanto, segundo o mesmo Foucault, este espaço não é menos exasperante para a figura daquele que lá se expõe e confessa. Nas aulas em Louvain, ele declara o seguinte: “[...] dizer a verdade também se insere em tessituras rituais densas e complexas, ele está acompanhado de numerosas crenças, nós o dotamos de estranhos poderes. Haveria a

⁴ Neste sentido, a leitura de Foucault se assemelha à de Starobinski, por estabelecer como relação primordial da obra do genebrino a oposição entre transparência e opacidade, entre verdade e fabulação, entre imediaticidade e mediação.

necessidade de se fazer, talvez, toda uma etnologia do dizer a verdade” (FOUCAULT, 2012, p. 3).

No tribunal montado por Rousseau, o que se busca é a verdade. O que o genebrino almeja de fato é que se faça justiça à sua pessoa. Foucault aponta que à época das *Confissões* Rousseau usava o pseudônimo de Jean-Jacques Renou. À época dos *Diálogos*, ele volta a assinar com seu nome. Mas não é o autor em sua totalidade que se encontra neste texto, antes é o sujeito dissociado. Deste modo, nos *Diálogos* estão presentes, para Foucault, ao menos quatro personagens:

[...] A discussão põe em jogo um Francês anônimo, representativo dos que roubaram de Rousseau seu nome; diante dele um certo Rousseau que, sem outra determinação concreta além da honestidade, leva o nome do Rousseau real arrebatado pelo público, e ele conhece precisamente o que é de Rousseau: suas obras. Enfim, uma terceira, mas consistente presença, aquele que não se designa mais senão por Jean-Jacques, com uma familiaridade arrogante, como se ele não tivesse mais direito ao nome próprio que o individualiza, mas apenas à singularidade de seu próprio nome. Porém esse Jean-Jacques não é nem mesmo dado na unidade à qual tem direito: há um Jean-Jacques-para-Rousseau que é o "autor dos livros", e um outro para o francês, que é o "autor dos crimes". [...] É através desses quatro personagens que, progressivamente, o Jean-Jacques Rousseau real é delimitado [...] (FOUCAULT, 2011, p. 170-171).

No âmbito mesmo da confissão, do dizer a verdade, Foucault, nas aulas em Louvain, enuncia alguns elementos em relação a essa prática, definindo-a a partir do exemplo extraído da relação terapêutica do psicanalista suíço Leuret com um paciente que ele considerava louco, mas que, segundo o pressuposto terapêutico da época, tinha que se confessar louco como parte do processo de cura. Eis os elementos levantados por Foucault a partir dessa intervenção e sua estreita relação com a forma mesma da confissão; era necessário que o doente aos cuidados de Leuret se confessasse louco porque:

1. [...] Aquilo que separa uma confissão de uma declaração não é o mesmo que separa o desconhecido do conhecido, mas isto que poderíamos chamar de *um certo custo da enunciação*. A confissão consiste em passar do não-dizer ao dizer, ficando entendido que o não-dizer tinha um sentido preciso, um motivo particular, um valor importante [...] (FOUCAULT, 2012, p. 5. Grifo nosso).

Quando Foucault rejeita a definição enciclopédica da noção de confissão como a declaração de algo pura e simplesmente, ele considera que existe algo mais que está presente na confissão e que faz dela uma obra significativa como tal, e é em relação a esse diferencial

que Foucault aponta o custo da confissão. No início dos *Diálogos*, encontramos a queixa de Rousseau acerca do quanto levar a cabo o projeto de seu texto lhe era custoso:

Querendo executar esse empreendimento eu me vi em um embaraço muito singular. Ele não consistia em encontrar razões a favor de meu sentimento, consistia em imaginar o contrário, em estabelecer de forma segura uma aparência de equidade dos procedimentos onde eu nada percebia. Vendo entretanto toda Paris, toda França, toda Europa se conduzir a meu respeito com grande confiança acerca de máximas tão novas, tão pouco concebíveis à minha pessoa, eu não poderia supor que este acordo não teria nenhum fundamento razoável ou ao menos aparente, e que toda uma geração esteja de acordo a querer apagar todas as luzes naturais, violar todas as leis da justiça, todas as regras do bom senso sem objetivo, sem proveito, sem pretexto, unicamente para satisfazer uma fantasia a qual eu não poderia mesmo perceber o objetivo e a ocasião. O silêncio profundo universal, não menos inconcebível que o mistério que ele encobre, mistério que já há quinze anos me escondem com um cuidado que eu me abstenho de qualificar, e com um sucesso que assume ares de prodígio; esse silêncio assustador e terrível não me deixou apreender a menor ideia que poderia me esclarecer sobre essas estranhas disposições (ROUSSEAU, 2007, p. 662).

A despeito desse mal-estar, Rousseau sente-se na necessidade de mostrar seu ponto de vista àqueles que, de tudo o acusando, sempre lhe negaram espaço para defesa. Mas Rousseau toma para si essa tarefa, fazendo-o de vontade própria e em face de sua liberdade, o que nos remete ao segundo aspecto levantado por Foucault no que diz respeito aos elementos presentes de forma insofismável na confissão, que para ele traz em si a

2. [...] pretensão bem conhecida do poder que quer constranger aqueles a ele submetidos a serem livres. Assim, não poder haver confissão em sentido estrito que não seja livre. [...] A razão é que a confissão não é simplesmente uma constatação a propósito de si mesmo. É um tipo de engajamento, mas um engajamento bem particular: ela não obriga a fazer tal ou qual coisa: ela implica que aquele que fala se engaja a ser aquilo que ele afirma que ele é, e precisamente porque ele é isto que ele diz (FOUCAULT, 2012, p. 5).

Quer no âmbito da teoria do complô ou não, Rousseau é considerado um enganador, um bandido. É dessa forma que vêm a seus ouvidos as acusações feitas contra ele: *un vrai scelerat*. De início, ele assume essa pecha e constrói a personagem que o representa, Jean-Jacques, suscetível de não ser o autor das obras e ser um bandido. Nesse primeiro momento, ele assume o que dele é dito como forma de confessar seu delito, assumido livremente e de boa vontade diante do poder que o acusa. Nesse sentido, toda confissão, nos informa Foucault, se dá em meio a uma relação específica:

3. [...] Não há confissão, em sentido estrito, que no interior de uma relação de poder à qual a confissão dá o poder de se exercer sobre aquele que confessa. [...] Breve, a confissão suscita ou reforça uma relação de poder que se exerce sobre aquele que confessa. Isto porque não existe confissão que ‘em meio a um custo’ (FOUCAULT, 2012, p. 6).

Em meio a uma relação de poder, que o mesmo Rousseau acusa de assimétrica, já que seus acusadores se escondem e de tudo o acumulam, inclusive de paranoia sobre uma falsa perseguição; a confissão presente nos diálogos se expressa tentando quebrar esses grilhões que prendem e dilaceram o genebrino. Entretanto, para que seja plenamente confissão, é preciso que a pessoa se reconheça culpada, não a fim de deixar de ser um contraventor, mas em função do processo de reeducação, de mudança:

4. Enfim, existe um aspecto da confissão que é sem dúvida o mais singular e o mais difícil a discernir. Uma vez que Leuret faz seu paciente confessar ‘eu sou louco’, ele não supunha, certamente, que ele deixara de ser louco por esse fato mesmo; pelo contrário, ele quer constrangê-lo a aceitar o estatuto de louco. E, portanto, ele considera que o único fato de dizer isto modificará sua relação do doente com a loucura. [...] A confissão, ligando o sujeito com aquilo que ele afirma, o qualifica de modo diferente em relação ao que ele diz [...]. Doente, mas já suficientemente consciente e separado de sua doença para que ele possa trabalhar ele mesmo em função de sua própria cura (FOUCAULT, 2012, p. 6-7).

Neste sentido, há de se concordar que as vivências de Rousseau, bem como seus escritos autobiográficos, conduzem à interpretação de que a confissão “é um ato verbal por meio do qual o sujeito faz uma afirmação sobre aquilo que ele é, se liga a esta verdade, se coloca numa relação de dependência ao olhar de outro, e modifica, ao mesmo tempo, a relação que ele tem consigo mesmo (FOUCAULT, 2012, p. 7).

O texto dos *Diálogos* afirma esta estrutura da confissão: o sujeito dilacerado confessa seu próprio erro como forma de cura de seus males. No caso específico de Rousseau, esse processo, levado a cabo pelas conversas entre o Francês e a personagem Rousseau, conduz a uma síntese entre o autor dos textos e o suposto autor dos crimes. Jean-Jacques não é a figura malsã que pintaram, não é alguém excepcional, mas não é um bandido. É um autor que busca a verdade, a virtude, ao mesmo tempo em que provoca os outros a seguir na direção desse ideal, o da verdade, que só pode ser conquistado por meio de uma vida autêntica. É assim que o movimento parresíástico se expressa na pessoa de Rousseau, segundo Foucault, retratada em seus escritos autobiográficos.

CONCLUSÃO

Ao final do texto da *Introduction*, Foucault ainda apresenta outro momento dessa relação da obra de Rousseau com temas da contemporaneidade. Fechando o texto com um pequeno anexo, estão arroladas algumas perguntas lançadas a Foucault acerca de sua leitura da obra de Rousseau e das ausências e carências apontadas pelo entrevistador acerca da interpretação da obra por Foucault. Em dado momento, por exemplo, lhe questionam, no âmbito dos *Diálogos*, sobre a relação entre o normal e o patológico, entre a loucura e a sanidade e sobre o caráter delirante da personalidade do genebrino.

Foucault, escusando-se de tecer considerações sobre a saúde mental de Rousseau, algo que ele declara ser da atribuição de um psicólogo, nos deixa a possibilidade de, diante da pergunta, remontar àquele aspecto da confissão que, segundo ele, é o mais singular e difícil de discernir. Este aspecto é apresentado por meio do exemplo da postura do médico Leuret ao fazer seu paciente confessar ‘eu sou louco’, unicamente com a intenção de constrangê-lo a aceitar o estatuto de louco. Tal declaração afirmaria a eficácia terapêutica do processo de poder engendrado por Leuret. De todo modo, a confissão liga o sujeito ao que ele afirma, o qualifica diferentemente em relação ao que ele diz e possibilita, ao mesmo tempo, a verdade da vida ou da sua própria existência como condição de acesso a um mundo outro, diferente do mundo instituído e aceito como verdadeiro.

Neste sentido, uma vida outra significa dizer que o doente, ao confessar, se encontra suficientemente consciente, de forma que, separado de sua doença, pode vir a trabalhar a si mesmo em função de sua cura. Esse foi o recurso de Rousseau, que, se utilizando de toda a sua liberdade, fez de si próprio outro, muito embora fiel a si mesmo.

Foucault ainda destaca que uma obra não é diminuída em face de seu aspecto delirante. E desde que não tenha sido escrita em delírio, algo impossível para Foucault, ela apresenta enorme validade quanto aos seus fins. Toda obra é fruto do uso de uma linguagem, e a esta pode ser atribuído o caráter do patológico, da loucura e do delírio.

Segundo a leitura de Foucault, Rousseau não era demente, insano ou louco; era um homem que sofria a punição por ter falado: não há punição maior para um autor do que o silêncio na leitura de sua obra. Por outro lado, seus perseguidores, não tornando pública a sentença, não enfrentam nenhum perigo; ao contrário, encontram no silêncio uma situação de conforto.

Entre a transparência em Rousseau (aquele que confessa) e a opacidade de seus oponentes (aqueles que se escondem, silenciam e sufocam) temos a imediatividade e a

fabulação, bem como a constatação de que toda confissão está ligada a um ato de poder. Neste sentido, a manifestação da verdade só se apresenta caso se inscreva na própria tessitura da existência.

Fica evidente que a confissão se encontra atrelada às relações de poder, apresentando-se principalmente associada à questão de como ser verdadeiro nas relações interiores (Rousseau consigo mesmo), em confronto com as relações exteriores (com os outros). Esta relação deve superar o sufocamento e o suplício. Assim, a superação só é possível com a compreensão de que a lógica social nem sempre é verdadeira.

Conclui-se que dizer a verdade e confissão em Foucault não se trata jamais do poder como uma entidade coerente, unitária e estável. Mesmo nas *Confissões* de Rousseau, obra que ficou caracterizada pelo público apenas como ato declarativo, tornando-se um discurso unívoco, a confissão em si mesma trata de um dizer que se dirige a alguém, o outro, implicando, portanto, na relação de poder. Por conseguinte, tem-se o entendimento de que o poder só existe como atividade e, por isso mesmo, se faz necessária a busca da identidade que move a relação de forças.

O mais importante é considerar a questão de “como” é possível analisar suas modalidades de exercício, levando em conta que tais análises se aplicam tanto às *circunstâncias históricas* como às *ferramentas de aplicação* (poder, sujeito e verdade), pois ambas se movem e apresentam o desenho da rede, da trança, da teia que se forma (as relações de forças), bem como os efeitos que o envolvem em dado momento e que permitem o reconhecimento do campo de atuação do poder.

A confissão se expressa como um discurso de relações de poder, movidas por condições históricas complexas que se implicam em efeitos múltiplos. Neste sentido, pode-se perceber nas análises de Foucault a realização de dois trajetos marcantes percorridos por: aquele que ao falar se dirige a alguém com o desejo de dizer a verdade e, por outro lado, aqueles que escutam. A verdade não se trata do poder exercido de uns sobre os outros, onde “uns” e “outros” nunca são definidos por seu papel, mas no desejo pela clareza que se move nesse duplo trajeto, de tal modo que a confissão implica necessariamente em uma identidade expressa no diálogo.

Nesta perspectiva, tem-se a obra *Diálogos* como a que se apresenta na busca da identidade e que, por sua vez, transforma simultaneamente cada um dos polos do relacionamento. É neste sentido que a genealogia do poder é inseparável da história da subjetividade, tão bem expressa por Foucault nas análises das obras autobiográficas de Rousseau.

A leitura de Foucault acerca da *persona* de Rousseau, entre dizer a verdade e confissão, conduz o leitor a entender os *Diálogos* como uma autobiografia na qual o autor expressa suas tensões e idiossincrasias. Deste modo, lendo-a e respeitando-a segundo seus pressupostos e pretensões, acatando-a segundo suas possibilidades e seus limites, temos nessa obra os elementos próprios de sua reflexão sobre o mundo, sobre sua época e sua pessoa. Eis o valor da leitura não menos idiossincrática que Foucault faz dos *Diálogos*.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos I. Problematização do sujeito:** psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Mal faire, dire vrai:** fonction de l'aveu en justice. Louvain: UCL-Presses Universitaires de Louvain, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres complètes.** Tomo I. Paris: Gallimard, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões.** Tradução de Wilson Loussada, Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral.** Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

STAROBINSKI, Jean-Jacques. **Jean-Jacques Rousseau:** a transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.